

A era da superação

Vinte e duas marcas do atletismo têm mais de dez anos, mas o fim da época dos recordes não está próximo

C*itius, altius, fortius.* Há exatos 110 anos, o mote olímpico se resume a essas três palavras latinas, que significam mais rápido, mais alto, mais forte. Originalmente, o lema deveria ser entendido como um estímulo para que cada atleta desse o melhor de si em sua prova, sem se preocupar com a colocação final e o desempenho dos oponentes. Lutar para superar os próprios limites já era uma vitória. Afinal, o importante era competir, não vencer. Mas os campeões parecem fazer uma leitura diferente do velho slogan: querem ser mais rápidos, mais altos e mais fortes do que todos – e se possível escrever seu nome na história com um recorde mundial ou olímpico, que lhes trará fama e, às vezes, fortuna. Até que ponto o ser humano conseguirá estender as fronteiras de seu desempenho atlético? Ninguém sabe responder com certeza.

As provas de atletismo são a principal estrela das Olimpíadas e costumam ser usadas como um termômetro dos limites do ser humano. Uma olhada na lista de recordes mundiais indica que não está fácil superar algumas marcas relativamente antigas. Entre os homens, 9 dos 24 recordes referentes a provas olímpicas, quase 38% do total, têm mais de dez anos. O mais antigo é o do arremesso de disco, estabelecido em 6 de junho de 1986 pelo alemão oriental Jürgen Schult, que, na ocasião, lançou o objeto a uma distância de 74,08 metros. Como a história ensina, a Alemanha Oriental era





Daiane dos Santos na prova solo: a única a executar dois tipos de movimento

uma potência esportiva – e do *doping* estatal. Mas, ao que se sabe, nenhuma substância ilegal foi detectada em Schult em exames de controle. Embora haja um bom número de marcas longevas, as duas provas mais nobres do atletismo ostentam recordes recentes. O dos 100 metros rasos, com o tempo de 9s78, é de setembro de 2002 e pertence ao norte-americano Tim Montgomery (veja quadro com a evolução dos tempos nessa prova nas páginas 16 e 17). O da maratona é de setembro de 2003 e está em poder do queniano Paul Tergat, que percorreu os cerca de 42 quilômetros da prova em 2h04min55s.

Entre as mulheres, parece haver uma dificuldade ainda de quebrar uma marca. Treze dos 22 recordes mundiais em modalidades olímpicas, quase 60% das marcas, foram estabelecidos há mais de dez anos, sendo que 11 remontam aos anos 1980. O mais longo recorde é o da tcheca Jarmila Kratochvílová, que ganhou a prova dos 800 metros rasos em 26 de julho de 1983 com o tempo de 1min53s28. Cravadas há 16 anos, as melhores marcas nos 100 e 200 metros – 10s49 e 21s34, respectivamente – ainda são da norte-americana Florence Griffith Joyner. A mulher mais veloz da história, a musculosa Flo-Jo, foi um prodígio e um mistério das pistas: morreu prematuramente aos 38 anos, em 1998. Há quem especule que seus (por ora) inigualáveis resultados e seu óbito tenham ligação com o uso de esteróides anabólicos, uma forma de *doping*, embora essa suspeita nunca tenha sido comprovada.

O que concluir diante desses números? O ser humano já atingiu seu limite atlético em algumas modalidades? Para Victor Matsudo, do Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (Celafiscs), isso nunca vai acontecer – e a razão é simples. “Mudam-se as regras do esporte ou a forma de medir os recordes”, afirma Matsudo, especialista em medicina esportiva. “Assim novas marcas vão surgir.” Na verdade, isso já é feito há muito tempo. Talvez o objetivo central de algumas alterações do passado, em geral de ordem tecnológica, não tenha sido o de facilitar a quebra de recordes, mas, de qualquer forma, esse também foi um dos efeitos dessas mudanças.

A partir da Olimpíada na Cidade do México, em 1968, por exemplo, o tempo oficial das provas de atletismo, ciclismo, canoagem, remo, natação e esportes equestres deixou de ser medido de forma manual e passou a ser registrado de maneira eletrônica. Para os recordes, a medida foi salutar. Antes de 1968, um atleta tinha de ser pelo menos um décimo de segundo (0,1) mais rápido do que o detentor do melhor tempo para quebrar um recorde (o registro manual só media uma casa depois da vírgula). Desde então, com a cronometragem eletrônica, basta ser um centésimo de segundo (0,01) mais veloz para lograr tal feito. Nada impede que no futuro, diante da escassez de no-

vos recordes, as autoridades do atletismo ou da natação passem a medir o tempo em milésimos de segundo (0,001), como fazem na Fórmula 1.

Na natação, no entanto, a hipotética era dos tempos marcados em milésimo de segundo parece estar mais distante do que no atletismo. Nas provas femininas disputadas em Olimpíadas, apenas cinco dos atuais 17 recordes mundiais – menos de 30% dos melhores tempos – foram registrados há mais de uma década. O recorde mais longo é o do revezamento 4 por 200 metros nado livre, em posse da equipe da Alemanha Oriental (um país que não existe mais) desde 18 agosto de 1987. As alemãs cravaram 7min55s47. No caso dos homens, a maioria absoluta dos melhores tempos já registrados foi estabelecida do ano 2000 para cá. De 16 provas individuais ou coletivas, apenas um recorde é da década passada: o dos 100 metros nado costas, que pertence desde 24 de agosto de 1999 ao norte-americano Lenny Krayzelburg, com o tempo de 53s60. Quer dizer, no meio líquido, fora de seu habitat, o homem ainda está distante de ter atingido o seu ápice em termos de desempenho.

Em certos esportes, com provas coletivas ou individuais em que não há recordes numéricos a serem

Menos dois segundos em cem anos

Em 1896, quando ocorreram as primeiras Olimpíadas da era moderna, o então homem mais veloz do mundo, o norte-americano Tom Burke, venceu a corrida dos 100 metros rasos com o tempo de 11s8. Em 14 de setembro de 2002, no exato instante em que o também norte-americano Tim Montgomery cravou o atual recorde de 9s78 para a prova, um velocista que repetisse a antiga marca de Burke estaria cerca de 17 metros atrás do vencedor da disputa. Em pouco mais de um século, o homem aprendeu a correr os 100 metros em dois segundos a menos. Entre Burke e Montgomery houve outros recordistas memoráveis. Quase todos vieram dos Estados Unidos, como Jesse Owens, cuja marca de 1936 demorou vinte anos para ser batida, e Jim Hines, o primeiro homem a correr os 100 metros em menos de 10s.



Jesse Owens

10s2

1936

Com a marca estabelecida em Chicago, o atleta se tornou o homem a permanecer por mais tempo como recordista da prova. Foram mais de 20 anos.

Seu tempo foi batido apenas em agosto de 1956, por Willie Williams.

batidos, fica mais difícil traçar uma linha e estabelecer limites a serem superados. Ainda assim, volta e meia aparecem atletas com um caráter revolucionário que levam uma modalidade para um novo patamar. Esse é o caso da gaúcha Daiane dos Santos, 21 anos, o nome hoje a ser derrotado na ginástica de solo. “Competi contra a Daiane algumas vezes e fiquei bastante impressionada. Ela é muito, muito forte. Impressionante... Todas aqui estão trabalhando forte com uma só meta: batê-la em Atenas”, disse Courtney Kupets, 17, a principal ginasta americana da atualidade, ao jornal *Folha de S.Paulo* em junho. Força nas pernas é o maior atributo da brasileira, rainha de ébano numa modalidade mais acostumada a princesinhas de marfim. Graças à potência de seus membros inferiores, Daiane, em pouco mais de um segundo, consegue projetar seu corpo a cerca de 2,70 metros do solo. Como mede 1,45 metro, salta, portanto, 1,25 metro – quase a sua altura. “Se não saltasse tanto, Daiane não teria tempo de realizar os saltos que a diferenciam das demais atletas”, afirma Marcos Duarte, especialista em análise do movimento da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (EAFE-USP), que filiou e analisou a performance da atleta.

Daiane é a única mulher no mundo capaz de executar dois movimentos inteiramente novos, bolados

pelo seu técnico, o ucraniano Oleg Ostapenko: o duplo twist carpado e o duplo twist estendido. Em ambos, suas pernas não ficam encolhidas, nem grudadas em seu corpo, durante os dois saltos mortais (outras atletas fazem movimentos semelhantes, só que com as pernas encolhidas, coladas ao corpo). Por voar semi-esticada (duplo twist carpado) ou esticada (duplo twist estendido), aumentando sua área de atrito com o ar, Daiane perde velocidade no meio de seus movimentos alados. Não fossem suas pernas um dinamo, que a levam a se projetar verticalmente tanto quanto um jogador de vôlei, a gaúcha não conseguiria compensar sua calculada redução de velocidade em pleno ar, realizar seus movimentos e cair em pé. Ginastas sem a força de perna da brasileira saltam menos e não têm tempo de fazer o duplo twist carpado ou estendido. Se a artroscopia que fez recentemente no joelho direito não prejudicar seu desempenho, Daiane será o limite humano na ginástica de solo em Atenas. •



Jim Hines

9s95

1968

Foi o primeiro homem a correr a prova em menos de 10s. Em junho de 1968 cravou 9s9 numa competição nos Estados Unidos. Em outubro desse mesmo ano, durante a Olimpíada na Cidade do México, reduziu o tempo para 9s95.



Tim Montgomery

9s78

2002

Estabeleceu o atual recorde em 14 de setembro de 2002, em Paris. Apesar de o feito ser recente, Montgomery não conseguiu se qualificar como membro da equipe norte-americana que vai a Atenas. E ainda é suspeito de usar *doping*.